

O HOMEM É FEITO DE ÁGUA

A água foi, desde tempos imemoriais, de importância vital para o HOMEM, quer a nível das culturas quer a nível da biologia. As civilizações, historicamente consideradas como expoentes de desenvolvimento da sociedade humana, nos seus tempos, tiveram o seu berço em rios: os sumérios e babilónios junto ao Tigre e Eufratis, os hindus no vale do Hindu e do Ganges, os chineses no Rio Amarelo, os egípcios no Nilo e os birmaneses no Irawadi. Também Roma tem o seu Tibre e as grandes cidades de hoje situam-se nas margens de rios: Paris e o Sena, Londres e o Tamisa, Danúbio e Viena... Lisboa e o Tejo.

Tal como o Sol, a água é considerada uma dádiva divina, de que a nossa vida depende totalmente. É sob a forma de chuva que os campos se alimentam, os rios de enchem e os lençóis freáticos se recarregam. É sob a forma de inundações que os terrenos se fertilizam.

Vias de comunicação e de comércio, estrada de penetração nas densas florestas e misteriosas montanhas, os rios foram e são objecto de culto religioso e de cultura. São sagrados o Nilo e o Ganges. É valsa o Danúbio. O Sena é óleo de Signac. O Amazonas é pesquisa científica. E são poemas de amor, e bilhetes postais e calmas pescarias e encaloradas competições desportivas.

Mas se os rios são, na sua abundância e diversidade, todas estas manifestações do sagrado e da cultura, são, também, na sua escassez, motivo de guerra e de ocupação do território: o Jordão e os territórios ocupados por Israel. Foram os romanos que introduziram na cidade o uso e o abastecimento público da água e dos esgotos. São romanos os aquedutos e os fontanários, as saunas e as termas. E se os sistemas de captação se situam sempre a montante da cidade, os esgotos serem depositados sempre a jusante: questões de sanidade e de controlo de qualidade de água.

Decorreram dois milénios até aos nossos dias, Tempo suficiente para que a ciência e a tecnologia nos permita, em qualquer latitude, longitude e altitude, com a simples pressão de um dedo ou uma rotação manual, usarmos e, quantas vezes, abusarmos da água. Torneiras, botões, cilindros, autoclismos, esquentador e autoclave são, hoje, banalidades do nosso dia-a-dia, cuja importância só reconhecemos quando das inundações domésticas. Do chuveiro seco ou da falta de um copo de água negada pela torneira. No entanto este percurso não foi sempre pacífico entre o Homem e a Natureza.

Os séculos XIX e XX vieram alterar o panorama estrutural da sociedade. Novas guerras, o aumento demográfico e a concentração populacional nas cidades, o desenvolvimento da indústria química vieram modificar o nosso modo de vida, por os ecossistemas em desequilíbrio e causar danos no próprio planeta, alguns irrecuperáveis, no dia de hoje. Se a concentração das populações nas cidades permite ao Homem uma vida mais fácil e mais cómoda, traz consigo, também, problemas de abastecimento de água à população e a poluição dos rios. O aparecimento de novos produtos, tais como os plásticos, PVC, os CFC, os pesticidas e os agro-químicos, os cromados e os niquelados, as tintas sintéticas, são exemplos menores de uma longa série de produtos cuja produção industrial determina graves consequências à Água. Acrescentemos as lixeiras e os depósitos de resíduos industriais.

Os grandes laboratórios são, também eles, um grande agente poluidor ocasional de grandes desastres ecológicos (RENO) emparelhando com os petroleiros cujas marés negras (EXON) já são tantos que deixou de ter significado especial saber onde e quantos foram. Acresce sublinhar que as lavagens dos tanques dos navios e o derrame dos seus óleos são, também eles, uma calamidade para a água.

A guerra introduziu, para além da radioactividade, novos conceitos de morte: a G. Bacteriológica e a Química. Lembremo-nos apenas, para exemplo, da desflorestação do Vietname com o inerente envenenamento dos solos e das águas para um período de vida superior a trinta anos. A indústria de guerra, nos países de Leste, matou o lago Aral. A pesquisa de ouro no Amazonas e dos diamantes em África são outros exemplos de conflitos entre o Homem e a Água. Muitos outros se poderiam enumerar. Encerramos, no entanto, o rol destas situações com a preocupante criação dos cemitérios nucleares e das chuvas ácidas.

Passemos a Portugal. O nosso parque industrial, maioritariamente constituído por indústrias químicas e algumas transformadoras cujo processamento é essencialmente químico, é um parque desprovido dos mecanismos de protecção, tratamento e conservação de água. Como tal, os despejos dos seus efluentes é feito nas linhas de água próximas, sejam rios de maior ou menor caudal, sejam ribeiras ou mesmo valas de drenagem.

Desde as celuloses aos tratamentos de couro, passando pelas cromagens, têxteis, caves, leiteiras e tintureiras, na sua esmagadora maioria "despejam para o rio". Acrescentemos as lavagens de automóveis.

A afectação química, urbana, industrial e agrossilvopecuária de todo o nosso sistema hídrico (o Ave, Águeda, Ria de Aveiro, Trancão, Alviela) obrigam a imediata intervenção com todos os meios técnicos e científicos para, além de obstar à continuada prática de tais crimes, se proceder aos tratamentos dos efluentes, à reciclagem da água e à recuperação e futuras compensações e preservação dos sistemas hídricos.

A criação de nova legislação e regulamentação adaptada a esta nova realidade, o ensino básico, a formação de novos técnicos, a criação de novas formas de administração das bacias hidrográficas, a sensibilização dos consumidores e utilizadores, o incentivo aos produtores, a criação de reservas hídricas integrais e a criação de grandes depósitos de água para o futuro, são passos obrigatórios desta geração, para que possamos deixar para os nossos netos a ÁGUA que irão emprestar aos nossos filhos.

Paulo Rebocho
Aveiro, 1 de Agosto de 1993